

ANNAIS

ACADEMIA DE MEDICINA
DA BAHIA



VOLUME 13
JUNHO 2004

SALVADOR-BAHIA

HIDEYO NOGUCHI na BAHIA

Zilton A. Andrade

Membro da Academia de Medicina da Bahia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Hideyo Noguchi foi um cientista japonês, de estatura pasteuriana, que visitou a cidade de Salvador nos idos de 1923-24. Veio para cá estudar a febre amarela, então uma doença endêmica nestas regiões e da qual ele investigava com máxima prioridade a sua causa e a sua patogenia.

Desde as minhas leituras pre-universitárias, sua história já me causava admiração, pelo muito que tinha de aventura e pelo fato do seu nome estar listado entre os chamados caçadores de micróbios que tanto estimulavam o meu interesse juvenil. Ao entrar para a Faculdade de Medicina do Terreiro foi com surpresa e satisfação que notei o retrato deste cientista, em um alto relevo no saguão de entrada. Quando ainda era um estudante de medicina, trabalhei no Instituto de Saúde Pública da Fundação Gonçalo Moniz, fundado por Otavio Mangabeira Filho no mesmo local onde antes existia o Instituto Oswaldo Cruz. Lá havia um Laboratório Hideyo Noguchi, com um retrato do cientista no alto de uma parede. Acontece que Noguchi havia trabalhado ali, no Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, de dezembro de 1923 a março de 1924. Ainda estavam por lá, além do seu retrato na parede do Laboratório de Bacteriologia, vários instrumentos, inclusive um estojo para trabalhos de necrópsias e um microscópio, que pertenceram ao cientista e que eram olhados por todos nós como uma relíquia, que merecia veneração e respeito. Na Biblioteca abundavam referências aos trabalhos de Noguchi, realizados

na sua maior parte no Instituto Rockefeller de New York, onde trabalhou por um quarto de século, e havia também publicações de cartas trocadas com mestres da nossa Faculdade. Durante minha formação, vi gradativamente aumentada a minha curiosidade pela figura singular deste cientista que tão profunda impressão havia causado na Bahia durante sua curta permanência. Pouco a pouco a curiosidade já não era tanto pelo cientista, que logo verifiquei ser de grande porte, mas pela figura humana, pela personalidade e pelos detalhes da sua vida e da sua luta contra a febre amarela, que o fazia mudar de lugar e viajar pelo mundo afora.

Como cientista ele foi o primeiro a demonstrar a presença do *Treponema pallidum*, agente causador da sífilis, no cérebro de doentes com paralisia geral progressiva. Como bacteriologista ele aperfeiçoou diversos meios de cultura e descobriu outros para cultivar organismos que nunca haviam sido cultivados antes, como as Leptospiras. Deu contribuições importantes para o estudo dos venenos de cobras, da poliomielite, do tracoma, e tentou uma vacina contra a febre amarela.

Hideyo Noguchi se fez merecedor da gratidão de toda a humanidade por sua extraordinária contribuição à ciência médica. Como pesquisador, com excelente formação e extraordinária capacidade de trabalho, do seu posto no Instituto Rockefeller de New York, ele produziu e ensinou ciência da mais alta qualidade.

Hideyo Noguchi nasceu no Japão em 24 de novembro de 1876 na cidade de Inawashiro e faleceu em Accra, hoje uma cidade de Ghana, em 21 de maio de 1928, portanto aos 51 anos de idade. Foi uma criança muito pobre criado numa família donde o pai havia desertado muito cedo. Ainda criança sofrera um acidente ao cair sobre o fogo onde estava sendo cozinhado o almoço. Em consequência teve parte de

sua mão esquerda destruída, limitação dos movimentos do punho e sinéquia nos dedos restantes. Mais tarde, ainda na sua cidade natal de Inawashiro, Fukushima, uma operação cirúrgica possibilitou a restauração dos movimentos do punho e a liberação dos dedos. Este médico deu-lhe o exemplo e, logo a seguir um início de treinamento, que foram decisivos para que Noguchi seguisse a carreira médica. Estudou sempre com muitas dificuldades e com muita dedicação. Sua dedicação ao trabalho e a facilidade em aprender idiomas chamavam a atenção dos professores e circunstantes. Formou-se em Medicina em 1897 em Toquio, desempenhou várias funções no Japão, ensinou Patologia Geral e Microbiologia, duas áreas que ele tanto viria a cultivar na sua carreira. Através de uma conexão com o eminente cientista americano, Simon Flexner, acabou vindo para fazer treinamento nos Estados Unidos em 1900. Em 1904 entrou para o Instituto Rockefeller, instituição que apoiou os seus estudos para o resto de sua vida. Nas suas pesquisas no Instituto navaiorquino veio a fazer contribuições fundamentais para o estudo do *Treponema pallidum*, o agente causador da sífilis, bem como para a caracterização da *Bartonella bacilliformis*, que, como demonstrou dramaticamente o peruano Carrión, causa tanto a febre de Oroya, como a verruca peruana. Além de estudar tracoma e poliomielite, ele isolou e estudou vários microorganismos. Com os meios de cultura que descobriu e com estudos morfológicos e funcionais sobre os microorganismos os mais diversos, ele deu uma contribuição decisiva para o desenvolvimento da Microbiologia. No entanto, sua luta maior desenvolveu-se na tentativa de isolar o agente causador da febre amarela.

Para melhor realizar tais estudos, ele teve que viajar por diversas áreas endêmicas, aí incluindo sua vinda para a Bahia em fins de 1923.

Noguchi passou um pouco mais de 3 meses no Brasil,

a maior parte do tempo na Bahia. Neste tempo relativamente curto, a sua estadia causou um grande impacto no meio médico brasileiro. Aqui fez muitos amigos, colaboradores e admiradores. As marcas da sua passagem ainda são visíveis. Mas, por onde quer que ele passasse deixava sempre marcos comemorativos. Ele visitou rapidamente o Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio ha uma rua com seu nome e um retrato em alto relevo na entrada do edifício principal (castelo) do Instituto Oswaldo Cruz. Na Faculdade de Medicina da USP ha um retrato seu e na cidade de Campinas ha uma praça com o seu busto no meio de um jardim. Para estudar a febre amarela, Noguchi passou por alguns outros países da América Latina. Traços da sua passagem podem ser levantados. Na Universidade de Yucatan, México, existe hoje um "Centro de Investigaciones Regionales Dr. Hideyo Noguchi". Da mesma maneira ha em Lima, Perú, um Instituto Honorio Delgado-Hideyo Noguchi. Nos hospitais de Guayaquil, Equador há muitas lembranças da passagem de Noguchi. Todos a ele se referem com muito carinho. Havia portanto algo especial na personalidade de Noguchi que o fazia não só admirado e respeitado, mas também muito querido. Simon Flexner, seu chefe no Instituto Rockefeller, escreveu que todos que vinham a conhecer Noguchi ficavam impressionados com a nobre simplicidade e dignidade da sua personalidade, características estas que o sucesso científico não abalou. E acrescentou: "Parte da sua proeminente posição como figura mundial derivava do seu charme pessoal e conduta, aumentados à proporção que sua proeminência como investigador científico crescia". Podemos vislumbrar alguns dos motivos desta simpatia irradiante ao lermos a correspondência que Noguchi trocou com professores da nossa Faculdade de Medicina. No auge da sua fama, como um dos mais brilhantes cientistas da época, ele não se furtava a fazer longas cartas para discutir com os professores locais sobre detalhes de pesquisas científicas. Nas entrelinhas aparece bem clara a modéstia do missivista e o respeito para com os argumentos do

correspondente. Ha evidências de que ele lia trabalhos locais, de médicos da nossa Faculdade (muitas vezes produzidos sob a forma de teses, escritos em português; entre outras línguas Noguchi falava o francês e o espanhol) e os analisava e discutia nos seus detalhes. Ele que trabalhava igualmente nos laboratórios mais bem equipados e em locais distantes, em condições precárias, sabia das dificuldades dos outros. Não tinha preconceitos ao analisar dados de todas as origens. Sua atitude de respeito e consideração, sua esmerada educação, enchia de entusiasmo seus admiradores e eventuais colaboradores. Na Bahia não foi diferente.

Noguchi chegou à Bahia em fins de 1923. A sua vinda se relacionava com um surto de febre amarela que ocorreu na cidade. Ele havia isolado uma leptospira - a *Leptospira icteroides* - que durante uma década foi considerada como o agente etiológico da febre amarela. Antes, inúmeros agentes foram apresentados como causadores da doença e logo descartados. A *L. icteroides* teve vida mais prolongada, sustentada que foi por um dos mais brilhantes microbiologistas, o criador e maior conhecedor do gênero *Leptospira* - Hideyo Noguchi. Ele queria estudar mais casos humanos, re-isolar as leptospiros, ensaiar técnicas diagnósticas e tentar a imunoterapia e a imunoprofilaxia. Quando ele chegou a Salvador, a febre amarela já havia desaparecido, mas surgiram alguns casos numa distante localidade do interior baiano, na cidade de Vila Bela das Palmeiras, hoje simplesmente Palmeiras. Para se chegar lá, viajava-se um dia inteiro de navio, um de trem e quatro a cavalo. Para lá foram seus colaboradores baianos em busca de material e deste material acabaram por isolar a *L. icteroides*. Outros cientistas do Rio e de São Paulo vieram para Salvador, especialmente os pesquisadores do Instituto de Manguinhos, mas não conseguiram isolar a tal *L. icteroides*. Uma forte polêmica se estabeleceu então entre os colaboradores, amigos e admiradores, de Noguchi e os outros cientistas nacionais com os seu resultados negativos.

A insinuação foi muitas vezes feita de que os resultados negativos revelavam falta de experiência em um campo novo, como era o das leptospiros, falta de meios de cultura adequados e de bons microscópios. A polêmica durou até 1928, que foi quando se consolidou a descoberta de um vírus causador da febre amarela, após estudos de uma equipe de cientistas americanos formada por Adrian Stokes, Johannes Bauer e Paul Hudson. Eles fizeram estudos decisivos trabalhando no seio de uma epidemia na África, estudos estes acompanhados pelo próprio Noguchi. Ele ficou convencido de que a febre amarela na África era de fato causada por um vírus filtrável, mas queria fazer comparações com os casos da América do Sul para entender a associação que estes últimos casos tinham com a *L. icteroides*. Logo depois, Noguchi viria a falecer, contaminado pela febre amarela. A morte de Noguchi nestas trágicas circunstanciais veio a levantar a suspeita de suicídio, ele que estaria deprimido por ver todo o seu longo trabalho sobre a *L. icteroides* reduzido a uma mera história de insucesso científico. Esta suspeita de suicídio todavia não tem muita base. Devemos lembrar que também o chefe da equipe americana que descobriu a verdadeira causa da febre amarela, Adrian Stokes, também morreu vitimado pela febre amarela.

Por que Noguchi cometeu o erro de considerar a *L. icteroides* como a causadora da febre amarela? Esta pergunta é difícil ou impossível de ser respondida e tem suscitado muita imaginação e as mais ardentes controvérsias.

A sugestão de que ele havia confundido casos da chamada doença de Weil, a leptospirose humana ictero-hemorrágica, com a febre amarela, é mais do que improvável. Primeiro, porque ele costumava fazer exame microscópico dos cadáveres das vítimas da febre amarela e tinha bons conhecimentos de patologia, não iria confundir dois quadros hepáticos bem distintos. Segundo, porque ele já havia

publicado estudos clássicos sobre a *Leptospira icterohaemorrhagiae*, conhecia como ninguém suas características morfológicas e de cultivo, e não iria fazer confusão com o que ele denominava *L. icteroides*. Inclusive ele utilizava um teste sorológico de lise (prova de Pfeifer) que era positivo com a *L. icteroides* e negativo com a *L. icterohaemorrhagiae* nos casos de febre amarela. Alguns sugerem que as *L. icteroides* estavam contaminando os seus animais. Ha informações de que ele fazia questão de usar sempre os seus animais trazidos diretamente dos Estados Unidos. É incrível se possa imaginar que um erro tão banal tenha ocorrido com um cientista do porte de Noguchi, mas as *L. icteroides* foram isoladas por ele de casos humanos no México, no Equador e na Bahia. Elas deveriam ter vindo de algum lugar. É provável que seus animais estivessem mesmo contaminados com as *L. icteroides* que ele continuava recuperando.

Darcy Ribeiro alertava que a ciência nos prega muitas peças. Dizia ele: basta ver o sol se levantar todos os dias e passar por cima de nossas cabeças no seu caminho para se por do outro lado do céu. No entanto não é ele, mas a terra que se move. Esta constatação, singela e anedótica, serve para nos alertar de que a ciência realmente nos prega peças. Aparentemente uma delas veio a acontecer com um dos maiores cientistas e este processo, numa certa fase, teve a cidade da Bahia, como pano de fundo.

Este equívoco científico, por mais desagradável que tenha sido para Noguchi e por mais surpreendente que tenha sido para todos nós, não pode obscurecer os benefícios de toda ordem que os estudos de Noguchi trouxeram para a humanidade. Não pode servir para diminuir os reflexos de uma personalidade marcante pelo seu caráter, pela sua dedicação, pela sua simpatia e pelo exemplo de luta em prol do benefício de toda a humanidade.